Submissão: 22/12/2023
Aprovação: 25/12/2023
Publicação: 31/01/2024

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 37 No. 1 Janeiro - Abril 2024

A TRADIÇÃO CERÂMICA ITARARÉ-TAQUARA NO ESTADO DE SÃO PAULO: ESTADO DA ARTE E PERSPECTIVAS QUINZE ANOS DEPOIS

Astolfo Gomes de Mello Araujo*

RESUMO

Neste artigo apresentamos dados a respeito da Tradição Itararé-Taquara obtidos nos últimos quinze anos, retomando questões colocadas anteriormente, em 2007. Nosso foco é o estado de São Paulo, que acreditamos ser uma área fundamental para o entendimento da expansão de grupos Jê do sul a partir do Brasil central. Além da retomada de questões importantes, propomos novas linhas de investigação.

Palavras-chave: cerâmica; Itararé-Taquara; São Paulo; Kaingang.

* Professor associado do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). E-mail: astwolfo@usp.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0349-1226.

DOI: https://doi.org/10.24885/sab.v37i1.1193

SPECIAL 40

THE ITARARÉ-TAQUARA CERAMIC TRADITION IN THE STATE OF SÃO PAULO: STATE OF THE ART AND PERSPECTIVES FIFTEEN YEARS LATER

ABSTRACT

In this article we present data on the Itararé-Taquara Tradition obtained over the last fifteen years, returning to questions previously raised in 2007. Our focus is the state of São Paulo, which we believe is a key area for understanding the expansion of Jê do Sul groups from Central Brazil. In addition to revisiting important questions, we propose new lines of investigation.

Keywords: pottery; Itararé-Taquara; São Paulo; Kaingang.

ESPECIAL 40

LA TRADICIÓN CERÁMICA ITARARÉ-TAQUARA EN EL ESTADO DE SÃO PAULO: ESTADO DEL ARTE Y PERSPECTIVAS QUINCE AÑOS DESPUÉS

RESUMEN

En este artículo presentamos datos sobre la Tradición Itararé-Taquara obtenidos en los últimos quince años, volviendo a cuestiones planteadas anteriormente en 2007. Nuestro enfoque es el estado de São Paulo, que creemos que es un área clave para comprender la expansión de los grupos Jê do sul desde el centro de Brasil. Además de revisar cuestiones importantes, proponemos nuevas líneas de investigación.

Palabras clave: cerámica; Itararé-Taquara; São Paulo; Kaingang.

INTRODUÇÃO

Em 2007 publicamos nesta revista um artigo compilando as informações até então disponíveis a respeito da Tradição Itararé-Taquara (Araujo, 2007), discutindo aspectos de nomenclatura (Itararé, Casa de Pedra, Taquara?), algumas questões teóricas envolvendo os conceitos de "Tradição" e "fase" e algumas hipóteses a respeito das possíveis relações entre a Tradição Itararé-Taquara e Una, entre a Tradição Itararé-Taquara e grupos etnograficamente designados como Kaingang e Laklãnõ (Xokleng), rotas de migração e expansão, além de sugestões para pesquisas futuras e debates sobre o tema. Neste artigo iremos apresentar dados construídos nos últimos 15 anos que começam a delinear cenários cada vez mais ricos e instigantes, centrando nosso foco no Estado de São Paulo.

O território que hoje denominamos como São Paulo é uma área chave para o entendimento da expansão dos grupos portadores da Tradição Itararé-Taquara, uma vez que a convergência de dados arqueológicos, etnográficos e linguísticos sugere que a origem desses grupos se deu no Brasil Central, e seu deslocamento rumo ao sul necessariamente teria que atravessar o atual território paulista.

Cabe também mencionar que nosso interesse pela "questão Itararé-Taquara" foi renovado a partir de 2020, quando nosso laboratório (Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas em Evolução, Cultura e Meio Ambiente, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo [LEVOC-MAE-USP])[1] recebeu um financiamento à pesquisa por parte da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)[2] na forma de Projeto Temático. O escopo do projeto abrange os estados de São Paulo e Paraná ao longo de todo o Holoceno, compreendendo todas as manifestações culturais, incluindo as comunidades indígenas atuais. Desse ponto de vista, alcançar uma melhor caracterização da Tradição Itararé-Taquara reveste-se de grande importância por conta dos reconhecidos e estreitos laços entre esse registro arqueológico e o povo Kaingang.

DIFICULDADES BÁSICAS PARA O ESTUDO DA TRADIÇÃO ITARARÉ-TAQUARA

O estado da arte de nosso conhecimento a respeito da área ocupada pela Tradição Itararé-Taquara aumentou muito nos últimos quinze anos, como seria esperado, mas algumas lacunas importantes permanecem. Essas lacunas se relacionam a três frentes: dificuldade de acesso aos dados, ausência de datações e problemas de comunicação. Apesar desses obstáculos serem comuns para qualquer estudo que vise compilar grandes quantidades de dados, no caso específico da Tradição Itararé-Taquara a questão da comunicação é especialmente aguda.

No tocante ao acesso aos dados, o que temos notado é que, apesar de o Estado de São Paulo deter todos os recordes em termos de emissão de portarias do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a maioria plena dos trabalhos desenvolvidos se refere à arqueologia de contrato. Infelizmente uma fração ínfima dos resultados dessas pesquisas acaba por ser publicado. São produzidas centenas de relatórios cujos teores são de difícil acesso, não tanto fisicamente (por conta do número cada vez maior de arquivos digitais disponíveis), mas pelo simples fato de

[1] Disponível em: https://sites.usp.br/levoc. Acesso em: 24 jan. 2024.
[2] Projeto Temático FAPESP 2019/18.664-9, intitulado *A ocupação humana do sudeste da América do Sul ao longo do Holoceno: uma abordagem interdisciplinar, multiescalar e diacrônica*.

que a consulta ao IPHAN é extremamente complexa:[3] se dá por número de processo, e não por município ou nome de sítio, além de obedecer a padrões distintos antes e depois de 2010 (Perez, 2018:81).

A questão das idades é um problema cuja solução demandaria uma maior atenção por parte do IPHAN aos produtos apresentados pelos pesquisadores detentores de Portarias de Permissão ou Autorização. Especialmente no caso da arqueologia de contrato, é comum que os sítios sejam totalmente destruídos pelo empreendimento, sem a possibilidade de que outra equipe possa um dia voltar ao local e coletar amostras. Sítios cerâmicos podem ser facilmente datados, seja por radiocarbono ou luminescência, mas isso raramente acontece fora do âmbito acadêmico. O resultado é que as centenas de relatórios mencionados acima raramente apresentam idades para os sítios detectados e cadastrados, o que faz com que esforços de compilação de dados sempre esbarrem em péssimas condições para o estabelecimento de cronologias.

Por fim, os problemas de comunicação se referem ao fato de que alguns profissionais não reconhecem a cerâmica Itararé-Taquara como sendo Itararé-Taquara. Isso parece se dar por dois motivos: incapacidade de alguns profissionais em diagnosticar um tipo de cerâmica menos "óbvio" do que a cerâmica Tupiguarani ou, alternativamente, uma recusa em seguir a nomenclatura proposta pelo que é considerado "histórico-culturalismo". Obviamente essa é uma questão inócua, uma vez que se o arqueólogo entendesse que não "existe", de fato, algo que seja "Itararé-Taquara", mas tão somente um acordo a respeito de que certas cerâmicas com características específicas são agrupadas sob um mesmo rótulo para facilidade de comunicação entre pares e mesmo para o público leigo, o dilema se dissolveria. No entanto, uma vez que um desses fatores se manifeste, um relatório de campo irá se referir a cerâmicas "escuras, finas, alisadas, sem decoração plástica" etc., mas não irá inseri-las na categoria "Itararé-Taquara". Tomando como exemplo o levantamento bibliográfico recente elaborado por Perez (2018, p. 105) para a região a sul do rio Tietê no Estado de São Paulo, o autor registra 97 sítios que "não se remetiam a nenhuma tradição arqueológica", sequer de modo tentativo. Isso quer dizer que qualquer pesquisador que um dia queira dar sentido a essa centena de sítios terá que se deslocar para várias partes do estado, buscando as coleções em diversas entidades de guarda, ou mesmo tentando localizar os sítios e decidir pessoalmente qual sua filiação.

Em suma, na ausência de fotografias de qualidade (ou mesmo ausência de qualquer ilustração) e com a inexistência de idades, tais dados tornam-se absolutamente inúteis do ponto de vista da construção de conhecimento científico e, por extensão, do ponto de vista da educação patrimonial. Temos, portanto, uma situação paradoxal em que a educação patrimonial é pretensamente valorizada, mas os meios para efetivá-la não o são.

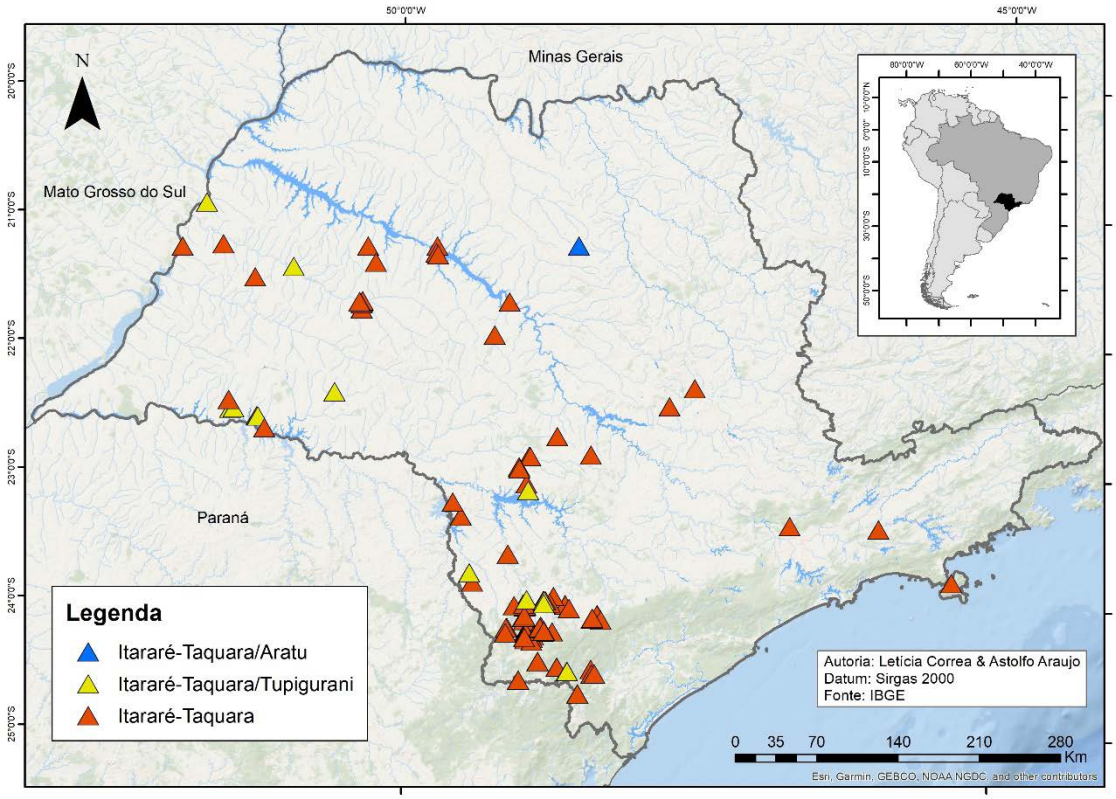
NOVAS INFORMAÇÕES

Tendo apresentado as dificuldades inerentes ao tema, cabe agora partirmos para a exploração dos dados recentes, compará-los ao que se sabia e apontar novos direcionamentos para pesquisas futuras. A compilação dos dados obtidos até o momento pode ser observada no Mapa 1. O Quadro 1 baseia-se nas informações compiladas por Perez (2018) e Rasteiro (2022), além de informações pontuais por nós organizadas.

[3] A busca no Sistema Eletrônico de Informações (SEI) é extremamente complexa, uma vez que se torna necessário ter o número do processo para uma busca direcionada, caso contrário os resultados são demasiadamente abrangentes.

São apresentados 219 sítios atribuíveis à Tradição Itararé-Taquara, dos quais treze sugerem algum tipo de interação com a Tradição Tupiguarani e um com a Tradição Aratu. O Quadro 2 apresenta as idades obtidas para os sítios Itararé-Taquara no Estado de São Paulo.

Mapa 1. Localização dos sítios Itararé-Taquara no Estado de São Paulo



Fonte: Elaboração de Letícia Correa e Astolfo Araujo a partir de dados do IBGE.

Quadro 1. Lista de sítios Itararé no Estado de São Paulo

Nome do sítio	Município	Zona	UTM E	UTM N	Especificação do material
AbrigodeItapeva	Itapeva	22J	706005	7337175	Itararé-Taquara
Água Limpa	Monte Alto	22K	754021	7645322	Aratu/Itararé-Taquara
Araucária	Ribeirão Branco	22J	730813	7313155	Itararé-Taquara
Areia Branca 5	Itapeva	22J	741853	7336344	Itararé-Taquara
Areia Branca 6	Itapeva	22J	741869	7336202	Itararé-Taquara
Arlindo Cruz	Guapiara	22J	745221	7332990	Itararé-Taquara
Avaré	Avaré	22K	711292	7464259	Itararé-Taquara
AVR 22.121.637	Avaré	22K	712158	7463754	Itararé-Taquara
Bairro da Serra	Iporanga	22J	734770	7282739	Itararé-Taquara
Bairro da Serra I	Iporanga	22J	743731	7278842	Itararé-Taquara
BairrodaSerraIV	Iporanga	22J	743731	7278842	Itararé-Taquara
Baixotes	Birigui	22K	572478	7645319	Itararé-Taquara
Bannwart	Arandu	22K	708776	7440288	Itararé-Taquara

continua...

Quadro 1. Continuação

Nome do sítio	Município	Zona	UTM E	UTM N	Especificação do material
Barra do Betari	Iporanga	22J	743731	7278842	Itararé-Taquara
Barreiro 2	Ribeirão Grande	22J	769639	7327785	Itararé-Taquara
Barreiro 3	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Barreiro 4	Ribeirão Grande	22J	769400	7327516	Itararé-Taquara
Barreiro 7	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Barreiro I	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Barreiro II	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Barreiro IV	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Barreiro V	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Batalha II	Reginópolis	22K	681444	7568458	Itararé-Taquara
BenetidoMachado	Botucatu	22K	764145	7465177	Itararé-Taquara
Bertini	Ribeirão Branco	22J	719097	7313321	Itararé-Taquara
Boa Vista	Nova Campina	22J	706680	7322760	Itararé-Taquara
Boituva 4	Ribeirão Grande	22J	772508	7323077	Itararé-Taquara
Borborema 2	Borborema	22K	694340	7596975	Itararé-Taquara
BS-19	Iporanga	22J	734770	7282739	Itararé-Taquara
Bugio 1	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 10	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 11	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 12	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 13	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 14	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 15	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 16	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 17	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 18	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 2	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 3	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 4	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 5	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 6	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 7	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 8	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugio 9	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugre 1	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Bugre 2	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Caçador 3	Itaí	22K	692689	7379919	Itararé-Taquara
CachoeiraBotelho	Lucélia	22K	508426	7627507	Tupiguarani/Itararé-Taquara
Caraça I	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
CasaSubterrânea	BomSucessodeItararé	22J	691427	7316360	Itararé-Taquara

continua...

Quadro 1. Continuação

Nome do sítio	Município	Zona	UTM E	UTM N	Especificação do material
CasaSubterrânea2	BomSucessodeItararé	22J	691687	7316788	Itararé-Taquara
CasaSubterrânea3	BomSucessodeItararé	22J	690864	7316460	Itararé-Taquara
Catelhanos	Iporanga	22J	743731	7278842	Itararé-Taquara
Chopim	Castilho	22K	433678	7683028	Tupiguarani/Itararé-Taquara
Coiós 1	Arco-Íris	22K	566940	7591121	Itararé-Taquara
Coiós 2	Arco-Íris	22K	566940	7591121	Itararé-Taquara
Coiós 3	Arco-Íris	22K	566940	7591121	Itararé-Taquara
Coiós 4	Arco-Íris	22K	567059	7595628	Itararé-Taquara
Coiós 6	Arco-Íris	22K	567631	7596886	Itararé-Taquara
Coiós 7	Arco-Íris	22K	567450	7597816	Itararé-Taquara
Coiós 8	Arco-Íris	22K	567901	7598058	Itararé-Taquara
Córrego Água Limpa 2	Glicério	22K	579082	7631373	Itararé-Taquara
CórregodaDivisa	Riversul	22K	661952	7355848	Itararé-Taquara
Descalvado	Iporanga	22J	743731	7278842	Itararé-Taquara
Estrada Velha de Fartura	Fartura	22K	652119	7412484	Itararé-Taquara
Estrada VelhadeFartura2	Fartura	22K	652119	7412484	Itararé-Taquara
Fazenda I	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Fazenda II	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Fazenda III	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Fazenda IV	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Fazenda Panorâmica	Avaré	22K	710086	7434679	Tupiguarani/Itararé-Taquara
Fazenda Rizzo 2	Fartura	22K	652119	7412484	Itararé-Taquara
Fazenda Santa Catarina	Arandu	22K	702385	7455220	Itararé-Taquara
Fazenda São Marcos	Arandu	22K	702616	7453498	Itararé-Taquara
Fazenda V	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Fogo 01	Arco-Íris	22K	565344	7597262	Itararé-Taquara
Fogo 02	Arco-Íris	22K	565113	7597373	Itararé-Taquara
Gasbol 1	Ribeirão Branco	22J	714730	7309313	Itararé-Taquara
Gasbol 3	Apiaí	22J	713567	7307278	Itararé-Taquara
Gasbol 5 – RibeirãoBranco10	Ribeirão Branco	22J	720822	7317585	Itararé-Taquara
Gasbol 8	Ribeirão Branco	22J	719410	7315443	Itararé-Taquara
Gomes	Ribeirão Branco	22J	722682	7312880	Itararé-Taquara
Guimarães	Ribeirão Branco	22J	720038	7315989	Itararé-Taquara
Gurutuba 10	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Gurutuba 16	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Gurutuba 17	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara

continua...

Quadro 1. Continuação

Nome do sítio	Município	Zona	UTM E	UTM N	Especificação do material
Gurutuba 5	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Gurutuba 9	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Gurutuba I	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Gurutuba IV	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Ilha Rasa 1	Ribeira	22J	701667	7271534	Itararé-Taquara
Inveja	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Itaí	Pauliceia	22K	412844	7645315	Itararé-Taquara
Ivaporunduva	Eldorado	22J	764044	7280827	Itararé-Taquara
Jaraguá I	São Paulo	23K	322084	7408972	Itararé-Taquara
Kandiri	Pacaembu	22K	475341	7618735	Itararé-Taquara
Lageado 10	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Lageado 7	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Lageado IV	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Laranjal 3	Fartura	22K	652119	7412484	Itararé-Taquara
Leonir	Ribeirão Branco	22J	707226	7308806	Itararé-Taquara
Lobo Guará	Ubarana	22K	632129	7645116	Itararé-Taquara
Louzarde	Apiaí	22J	707720	7306360	Itararé-Taquara
Mamangaba	Nova Campina	22J	707066	7325629	Itararé-Taquara
Maria Moura	Itapeva	22J	723162	7340186	Itararé-Taquara
Mendes	Itapeva	22J	731964	7343333	Itararé-Taquara
Mirante	Ribeirão Branco	22J	721481	7316849	Itararé-Taquara
Monjolada	Ribeirão Branco	22J	707121	7312149	Itararé-Taquara
Monjolada 2	Ribeirão Branco	22J	707856	7312424	Itararé-Taquara
Monjolada 3	Ribeirão Branco	22J	708147	7311973	Itararé-Taquara
Monjolinho	Timburi	22K	645189	7424870	Itararé-Taquara
Morus	Itapeva	22J	728468	7337814	Itararé-Taquara
Mussum	Ubarana	22K	632672	7645568	Itararé-Taquara
Müzel	Nova Campina	22J	705826	7325504	Itararé-Taquara
Nantes I	Nantes	22K	476267	7498863	Itararé-Taquara
Nantes II	Nantes	22K	477567	7498861	Tupiguarani/Itararé-Taquara
Neri	Ribeirão Branco	22J	719884	7315435	Itararé-Taquara
Olian	Ribeirão Branco	22J	720616	7315892	Itararé-Taquara
Oliveiras 1	Ribeira	22J	701667	7271534	Itararé-Taquara
Ostras	Eldorado	22J	764408	7276486	Itararé-Taquara
Parado	Iporanga	22J	743452	7278831	Itararé-Taquara
Paraíso N II (LA-91)	Charqueada	23K	214677	7507722	Itararé-Taquara
Paredão	Itapeva	22J	724996	7339783	Itararé-Taquara
Paturizinho	Irapuru	22K	448004	7647134	Itararé-Taquara
Pavão I	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara

continua...

Quadro 1. Continuação

Nome do sítio	Município	Zona	UTM E	UTM N	Especificação do material
Pavão II	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Pavão III	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Pavão IV	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Pavão IX	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Pavão V	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Pavão VI	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Pavão VII	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Pavão XI	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Pavão XII	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Pavão XIII	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Pavão XV	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Pedra Grande	Itapeva	22J	707010	7334390	Itararé-Taquara
Pedra Grande 2	Itapeva	22J	707760	7335450	Itararé-Taquara
Pilões	Iporanga	22J	743731	7278842	Itararé-Taquara
Pinha	Itapeva	22J	723701	7339881	Tupiguarani/Itararé-Taquara
Pinheirinho	Iporanga	22J	743731	7278842	Itararé-Taquara
Porto Apiaí	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Posse 2	BomSucessodeItararé	22J	690477	7312278	Itararé-Taquara
Pouso Alto	Itapeva	22J	698040	7335560	Itararé-Taquara
Primeira volta 3	Fartura	22K	652119	7412484	Itararé-Taquara
Primeira volta 6	Fartura	22K	652119	7412484	Itararé-Taquara
Promissão 1	Promissão	22K	631411	7639336	Itararé-Taquara
Promissão 3	Promissão	22K	632755	7637690	Itararé-Taquara
Quati 1	Iepê	22K	483201	7488983	Itararé-Taquara
Quatis	Apiaí	22J	713009	7304883	Itararé-Taquara
Quatis Gramado	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Queimada	Ribeirão Branco	22J	721870	7313290	Itararé-Taquara
Ramos 2	Itapeva	22J	706794	7336978	Itararé-Taquara
Rancho Caído	Itapeva	22J	723568	7337356	Tupiguarani/Itararé-Taquara
RC.2	Rio Claro	23K	235759	7524185	Itararé-Taquara
Reginaldo I	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Reginaldo II	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Reginaldo III	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Reginaldo IV	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Renata Lopes	Ribeirão Branco	22J	719636	7315894	Itararé-Taquara
RibeirãoBonitoII	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Ribeirão do Veado I	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Ribeirão do Veado II	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
RibeirãoGrandeI	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
RibeirãoGrandeII	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara

continua...

Quadro 1. Continuação

Nome do sítio	Município	Zona	UTM E	UTM N	Especificação do material
Ribeiro	Ribeirão Branco	22J	719311	7313536	Itararé-Taquara
Ribeiro 2	Ribeirão Branco	22J	718319	7313695	Itararé-Taquara
Rio Claro 4	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Rio Claro 4	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Rio Claro I	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Rio Claro III	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Rio Verde 1	Fartura	22K	652119	7412484	Itararé-Taquara
Rio Verde 5	Fartura	22K	652119	7412484	Itararé-Taquara
Rizzo 2	Fartura	22K	652119	7412484	Itararé-Taquara
Salto Grande 10	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Salto Grande 11	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Salto Grande 12	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Salto Grande 13	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Salto Grande 14	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Salto Grande 15	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Salto Grande 2	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Salto Grande 3	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Salto Grande 4	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Salto Grande 5	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Salto Grande 6	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Salto Grande 7	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Salto Grande 8	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Salto Grande 9	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Salto Grande I	Barra do Turvo	22J	752462	7259580	Itararé-Taquara
Santa Cruz do Anhumas 1	Narandiba	22K	453896	7505462	Tupiguarani/Itararé-Taquara
Santa Cruz do Anhumas 5	Narandiba	22K	456477	7505770	Tupiguarani/Itararé-Taquara
São Manuel 1	Pratânia	22K	735232	7481178	Itararé-Taquara
São Sebastião	Ribeirão Branco	22J	706945	7308138	Itararé-Taquara
Sapatu	Eldorado	22J	767162	7276675	Itararé-Taquara
Segunda CorredeiraAcima	Fartura	22K	652119	7412484	Itararé-Taquara
Semnomeindicado na bibliografia	Parapuã	22K	543516	7519670	Tupiguarani/Itararé-Taquara
SP BA C-10	Riversul	22K	659585	7363869	Tupiguarani/Itararé-Taquara
SP BA C-16	Riversul	22K	659585	7363869	Tupiguarani/Itararé-Taquara
SP BA C-2	Riversul	22K	659585	7363869	Tupiguarani/Itararé-Taquara
Tapera 2	Ribeirão Branco	22J	720891	7315819	Itararé-Taquara
Taquari	Nova Campina	22J	706790	7326753	Itararé-Taquara
Taquari Mirim	Ribeirão Branco	22J	720282	7316548	Itararé-Taquara
Taquaruira	Iporanga	22J	743452	7278831	Itararé-Taquara
Tatu-Galinha	Narandiba	22K	452550	7513220	Itararé-Taquara
Tigre 1	Ribeira	22J	701667	7271534	Itararé-Taquara

continua...

Quadro 1. Continuação

Nome do sítio	Município	Zona	UTM E	UTM N	Especificação do material
Tio Grande	Iporanga	22J	743731	7278842	Itararé-Taquara
Toca da onça	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Toca do Tigre	Ribeira	22J	701667	7271534	Itararé-Taquara
Toca dos caramujos I	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Toca dos caramujos II	Apiaí	22J	718373	7287465	Itararé-Taquara
Topo do Guararema	Guararema	23K	398400	7409431	Itararé-Taquara
Torre de Pedra	Iporanga	22J	743731	7278841	Tupiguarani/Itararé-Taquara
Três Águas	Ribeirão Branco	22J	723760	7313868	Itararé-Taquara
Três Águas 2	Ribeirão Branco	22J	723552	7313706	Itararé-Taquara
Velho 1	Ribeirão Grande	22J	764666	7324030	Itararé-Taquara
Velho 2	Ribeirão Grande	22J	765254	7324635	Itararé-Taquara

Fonte: Elaboração nossa.

Quadro 2. Lista de idades obtidas para a Tradição Itararé-Taquara no estado de São Paulo

Sítio	Amostra	Idade C14	Erro	Idade AP	Erro	Município
Abrigo de Itapeva	Beta 432530	640	30	605	43	Itapeva
Abrigo de Itapeva	Beta 432531	860	30	776	42	Itapeva
Abrigo de Itapeva	Beta 432532	860	30	776	42	Itapeva
Abrigo de Itapeva	Beta 432533	1470	30	1353	32	Itapeva
Água Limpa	TL/FATEC			335	35	Monte Alto
Água Limpa	TL/FATEC			375	40	Monte Alto
Água Limpa	TL/UNIFESP			410	40	Monte Alto
Água Limpa	TL/UNIFESP			420	45	Monte Alto
Água Limpa	TL/UNIFESP			445	40	Monte Alto
Água Limpa	TL/UNIFESP			460	50	Monte Alto
Água Limpa	TL/UNIFESP			550	55	Monte Alto
Água Limpa	TL/UNIFESP			570	35	Monte Alto
Água Limpa	TL/UNIFESP			580	110	Monte Alto
Água Limpa	TL/UNIFESP			600	60	Monte Alto
Água Limpa	TL/FATEC			620	65	Monte Alto
Água Limpa	TL/FATEC			660	80	Monte Alto
Água Limpa	TL/UNIFESP			665	50	Monte Alto
Água Limpa	TL/UNIFESP			665	90	Monte Alto
Água Limpa	TL/FATEC			720	70	Monte Alto
Água Limpa	TL/UNIFESP			725	121	Monte Alto
Água Limpa	TL/FATEC			800	70	Monte Alto
Água Limpa	TL/UNIFESP			870	70	Monte Alto
Água Limpa	TL/FATEC			890	90	Monte Alto

continua...

Quadro 2. Continuação

Sítio	Amostra	Idade C14	Erro	Idade AP	Erro	Município
Água Limpa	TL/UNIFESP			950	175	Monte Alto
Água Limpa	TL/UNIFESP			1044	211	Monte Alto
Água Limpa	TL/FATEC			1045	104	Monte Alto
Água Limpa	TL/FATEC			1147	182	Monte Alto
Água Limpa	TL/UNIFESP			1243	160	Monte Alto
Água Limpa	TL/UNIFESP			1342	201	Monte Alto
Água Limpa	TL/FATEC			1524	212	Monte Alto
Areia Branca 5	LDV 297 – TL			270	60	Itapeva
Areia Branca 5	Beta 24751	880	60	812	72	Itapeva
Areia Branca 6	Beta 24752	1430	60	1344	46	Itapeva
Areia Branca 6	Beta 35824	1530	40	1437	63	Itapeva
Arlindo Cruz	IF-40113(TL)			620	40	Itapeva
Arlindo Cruz	IF-40112(TL)			890	130	Itapeva
Arlindo Cruz	IF-40114(TL)			1000	100	Itapeva
Benedito Machado	Beta 407431	730	30	676	22	Botucatu
Benedito Machado	Beta 407430	840	30	748	34	Botucatu
Caraça	Beta 178125	1300	60	1215	64	Itaoca
Caraça	KIA 20839	1607	24	1480	54	Itaoca
Casa Subterrânea	TL			1200	120	BomSucesso de Itararé
Casa Subterrânea	TL			1530	50	BomSucesso de Itararé
Coiós 2	TL/FATEC			570	80	Arco Iris
Gasbol 8	TL/LVD-339			1540	150	BomSucesso de Itararé
Gurutuba IV	Beta 189335	1650	40	1538	64	Itaoca
Lajeado IV	Beta 178128	1460	60	1376	63	Itaoca
Muzel	IF-40115(TL)			1530	70	Itapeva
Pavão III	KIA 20840	1219	24	1153	61	Itaoca
Topo do Guararema	Beta 198788	700	60	639	66	Guararema
Topo do Guararema	Beta 198790	720	60	653	71	Guararema
Topo do Guararema	Beta 198791	740	50	669	59	Guararema
Topo do Guararema	Beta 198787	900	60	814	81	Guararema
Topo do Guararema	Beta 198789	930	60	832	80	Guararema
Topo do Guararema	Beta 198792	1030	60	928	104	Guararema

Fonte: Elaboração nossa.

Nota: As linhas cinza representam idades de luminescência (TL ou OSL). As idades de ^{14}C foram calibradas pelo programa CalPal (Weninger; Jöris, 2008), versão 2020.11.

IMPLANTAÇÃO TOPOGRÁFICA, TAMANHO E IDADES

Um ponto de partida importante reside no trabalho de compilação de dados realizado por Perez (2018) em sua tese de Doutorado. O autor realizou um levantamento bibliográfico abrangente de sítios arqueológicos Tupiguarani e Itararé-Taquara usando como recorte geográfico a porção sul do Estado de São Paulo (territórios a sul do rio Tietê e a oeste de Sorocaba). O banco de dados consistiu em 783 sítios, dos quais 482 eram relacionados à Tradição Tupiguarani, 195 a Itararé-Taquara e nove sítios apresentando vestígios associados a ambas, além dos já mencionados 97 sítios sem filiação alguma. Dentre os dados coligidos, o tamanho dos sítios e a altitude em que se encontram parecem expandir, ao menos para a porção meridional de São Paulo, algo que foi observado em áreas muito mais restritas por Araujo (2001) na região do Itapeva/SP, ou Apiaí, e posteriormente na região de Botucatu (Araujo *et al.*, 2016), a saber: sítios Itararé-Taquara tendem a ser localizados em cotas mais elevadas (altitude média de 740 m) do que os sítios Tupiguarani (altitude média de 390 m) (Perez, 2018, p. 272). Outra diferença marcante se refere ao tamanho dos sítios: em um universo de 340 sítios com dimensões estimadas, os sítios Itararé-Taquara apresentaram uma média de 2.600 m², contra 17.300 m² para os sítios Tupiguarani (Perez, 2018, p. 271). Outra diferença significativa entre as implantações de sítios relacionados às duas tradições se refere ao uso de abrigos. Tal prática é pequena na Tradição Itararé-Taquara (2,7% dos sítios estão em abrigo) (Perez, 2018, p. 270) mas absolutamente ausente no caso Tupiguarani.

Em muitos casos a presença Itararé-Taquara em abrigos é tênue, geralmente representada por alguns poucos fragmentos de cerâmica nas porções superficiais da estratigrafia, mas temos no caso do Abrigo de Itapeva, localizado no município homônimo, uma exceção importante: a maior parte do pacote estratigráfico, composto por pouco mais de 130 cm de espessura, relaciona-se a uma intensa ocupação humana, repleta de material lítico lascado, fragmentos de cerâmica e de ossos de fauna, além de ossos humanos esparsos (Araujo, 2012). As idades obtidas para a ocupação Itararé-Taquara estão entre 1350 e 600 AP (1470±30 e 640±30 ^{14}C AP) (Correa; Souza, 2017). Isso sugere uma ocupação contínua do abrigo durante 750 anos, o que o coloca entre as ocupações mais longevas para essa tradição (Noelli; Souza, 2017 p. 66).

Quando levamos em consideração as idades dos sítios contemplados por Perez (2018), o universo é bem menor (apenas 25 idades para Itararé-Taquara e 113 para Tupiguarani), mas os dados sugerem basicamente contemporaneidade entre ambas (Perez, 2018, p. 264-266), com a média por volta de AD 1.000. Para o Estado como um todo, temos atualmente 55 idades com média por volta de AD 800 (Quadro 2).[4]

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

O mapa com a localização de sítios Itararé que apresentamos em nosso artigo original (Araujo, 2007, p. 35, figura 3) mostrava algumas lacunas expressivas da presença de sítios Itararé-Taquara. Tais lacunas eram bastante contraintuitivas, uma vez que se configuravam em áreas cuja presença Jê, mais especificamente Kaingang, foi atestada em numerosas fontes bibliográficas (Baldus, 1953; Borelli, 1984; Correa, 2021; Miller Jr., 1972, 1978; Monteiro, 1992, 1994; Mota, 2005; Prezia, 2000; Rodrigues, 2016; Sposito, 2005; von Ihering, 1904). Um desses vazios de informação era a porção paulista do médio

[4] Este quadro foi elaborado a partir de nosso "Mapa e Banco de Dados de Datações do Brasil", disponível em: https://sites.usp.br/levoc/bd-datas/.

e baixo vale do Paranapanema. No médio Paranapanema, a ausência de sítios atribuíveis à Tradição Itararé-Taquara nas proximidades da calha do rio só foi preenchida em 2014, quando detectamos um sítio denominado Monjolinho no Município de Timburi. Para o baixo curso do Paranapanema, mencionamos em nosso artigo anterior (Araujo, 2007) a detecção de artefatos isolados que sugeriam a presença de grupos relacionados aos Jê do Sul, tais como virotes e almofarizes cônicos de pedra, que foram registrados de maneira pontual (Faccio, 1998). Tal ausência perdurou por vários anos até que recentemente pelo menos quatro sítios associados à Tradição Itararé-Taquara foram publicados na região por Daves (2001), nos municípios de Narandiba e Nantes. Dois outros foram informados por Faccio (2019) e Toso (2021). Quando esses dados são comparados com os de Noelli e Souza (2017, p. 63, figura 1) para a margem paranaense (esquerda) do Paranapanema, torna-se clara a presença de sítios Itararé-Taquara nesse trecho do rio, ainda que aparentemente em pequena quantidade.

Na porção mais central do Estado, na região de Botucatu, já havíamos mencionado a existência de um sítio Itararé-Taquara denominado São Manuel 1 (Robrahn-Gonzalez; Zanettini, 2002). Posteriormente tivemos notícia[5] de um outro sítio Itararé-Taquara denominado Benedito Machado, que também continha alguns poucos fragmentos de cerâmica Tupiguarani. Esse sítio foi escavado e datado, os resultados tendo sido publicados em Araujo *et al*. (2016). Uma das observações mais importantes a respeito da cultura material do sítio foi a presença do antiplástico cariapé tipo A na cerâmica, algo comum no Brasil Central, mas nunca observado na Tradição Itararé-Taquara.

Para a região do alto Vale do Paraíba do Sul já tínhamos informações a respeito do sítio Topo do Guararema (Caldarelli, 2005), uma possível instância de cerâmica associada à Tradição Itararé-Taquara com idades entre 930 e 640 AP. A localização desse sítio, bastante próxima ao planalto onde atualmente se encontra a cidade de São Paulo, sugere a presença de ocupações Jê contemporâneas às Tupi, ainda mais quando se leva em consideração o sítio Jaraguá 1, situado no Município de São Paulo e datado em 660 AP (Afonso, 2009).

Perez, Okumura e Araujo (2020) exploraram a distribuição de sítios para a porção do Estado de São Paulo a sul do rio Tietê, aumentando a base de dados originalmente apresentada por Perez (2018), incluindo sítios sem coordenadas exatas, mas com localização aproximada por município. Desse modo, o banco de dados aumentou de 421 para 761 sítios. Os resultados sugerem pelo menos três "bolsões" de ocupação Itararé-Taquara: um na porção sul, compreendendo o médio Vale do Ribeira; o segundo na região central, compreendendo Botucatu, Avaré, Lençóis Paulista, São Manuel e Pratânia, se estendendo até Bauru e Reginópolis; o terceiro na região centro-oeste, abarcando Tupã, Arco-Íris, Iacri, Luiziânia e Braúna. É importante notar que o banco de dados utilizado se limitou às informações disponíveis até 2013 e, portanto, não incorporou os dados do Baixo Paranapanema.

Rasteiro (2022) organizou um grande banco de dados sobre sítios cerâmicos para o norte de São Paulo, abrangendo a bacia do rio Grande em sua porção paulista. Apesar do trabalho ser focado na Tradição Aratu, há referência a um sítio apresentando cerâmica com atributos relacionados à Tradição Itararé-Taquara, o sítio Água Limpa (Magalhães, 2019). De todo modo, quando combinamos os dados de Perez (2018) e Rasteiro (2022) podemos perceber uma tendência à presença mais forte de sítios Itararé-Taquara

[5] Informação do dr. Paulo Zanettini, que havia identificado o sítio anteriormente.

a sul do rio Tietê. A porção norte de São Paulo é basicamente vazia em termos dessa tradição. A calha do rio Grande em especial, ao longo das orlas da Usina Hidrelétrica Água Vermelha, só apresenta sítios Aratu, o que também parece ser verdadeiro ao longo da área abrangida por Rasteiro (2022). No entanto, devemos ser cautelosos em relação à faixa que se estende entre os afluentes da margem direita do Tietê e o divisor de águas com o rio Grande. Essa ampla faixa do território paulista não foi sistematicamente trabalhada até o momento, e uma possível fronteira entre Itararé-Taquara e Aratu (ou entre Kaingangs e Kayapó Meridionais) segue elusiva.

Outras informações recentes que modificaram um pouco o panorama da distribuição espacial dos sítios Itararé-Taquara remetem ao Médio Tietê, mais especificamente no entorno da UHE Promissão. Levantamentos arqueológicos realizados na área diretamente afetada por essa barragem detectaram uma grande quantidade de sítios, mas suas filiações culturais não foram designadas nos relatórios apresentados (Documento Antropologia e Arqueologia, 2015). Ao revisitarmos todos os sítios entre 2020 e 2022, chegamos à conclusão de que três deles (Borborema 2, Promissão 1, São Joaquim 2), todos originalmente designados como "cerâmicos", poderiam ser filiados à Tradição Itararé-Taquara. Além disso, detectamos três novos sítios dessa tradição em Promissão: Lobo Guará, Mussum e Promissão 3 (Araujo *et al*., 2021). Trata-se de sítios pequenos, ainda não datados, e que podem eventualmente se relacionar à ocupação Kaingang mais recente.

Ao adicionarmos informações a respeito de sítios Itararé-Taquara no litoral norte de São Paulo (Cali, 2000), teremos provavelmente um contínuo de ocupação que se estende desde o Planalto Paulistano e segue pelo alto Vale do Paraíba em direção à costa.

RETOMANDO ANTIGAS QUESTÕES, PROPONDO NOVAS

Olhando em retrospecto os pontos por nós levantados em 2007, podemos resumi-los da seguinte maneira:

a) A provável origem da Tradição Itararé no Brasil Central, bem como sua possível relação com a Tradição Una, continuam sendo hipóteses viáveis. Os dados atuais não são suficientes para fortalecê-las, mas ampouco as refutam.

b) A questão da Serra do Mar como possível corredor de expansão Itararé-Taquara rumo sul continua no mesmo patamar: não houve um aumento de conhecimento arqueológico na região serrana entre a capital do Estado e o Médio Ribeira, de modo que refutar ou fortalecer a hipótese ainda deverá ser tarefa futura. Porém, conforme colocado no item d) abaixo, esta continua sendo uma hipótese bastante plausível.

c) Um terceiro ponto referia-se à relação de antiguidade relativa entre os sítios Itararé do Sul do Brasil e os de São Paulo. Propusemos na época que a impressão de maior antiguidade dos sítios meridionais referia-se provavelmente a um viés amostral (Araujo, 2007, p. 28). Com os dados hoje disponíveis, essa afirmação parece se sustentar; a compilação recente de idades para sítios Itararé-Taquara realizada por Noelli e Souza (2017) mostra sítios mais antigos praticamente contemporâneos no Rio Grande do Sul (1810±85^{14}C AP – RS/P/12; 1520±90^{14}C AP – RS/40); em Santa Catarina (1920±50^{14}C AP – SC/CL?; 1580±60^{14}C AP – SC/IÇ/01;) e no Paraná (1790±210^{14}C AP – Abrigo da Janela; 1635±100^{14}C AP–PR/UV/47). Em São Paulo temos sítios na mesma faixa de idade (1650±40^{14}C AP – Gurutuba IV; 1530±170^{14}C AP – Müzel; 1540±150^{14}C AP – Gasbol 8). Dado que o número de idades disponíveis em São Paulo (n=55) (Quadro 2) é comparativamente muito menor do que para os estados sulinos (n=159), não será surpresa a obtenção de valores ainda mais recuados com o aumento da amostra.

d) O quarto ponto referia-se à presença Kaingang no território entre os rios Tietê

e Paranapanema. Colocamos duas hipóteses, uma em que a ocupação seria recente e preencheria o vácuo deixado pelo esvaziamento do território por parte dos Tupi, por conta das campanhas de guerra empreendidas pelos paulistas no século XVII (Borelli, 1984; Prezia, 2000). A segunda possibilidade seria de uma ocupação mais antiga, onde os antepassados dos Kaingang teriam se deslocado a partir do Brasil Central rumo sul antes dos outros grupos ceramistas (Aratu e Tupiguarani), tendo seus corredores de migração interrompidos pelo estabelecimento posterior de grupos Tupi e Jê (representados pelas tradições Tupiguarani e Aratu). Levando em conta os dados espaciais atualmente disponíveis, mesmo com a paucidade de idades, parece-nos que esta segunda hipótese está enfraquecida. A área norte do Estado de São Paulo não apresenta quase nenhuma evidência de sítios Itararé-Taquara, e vastas áreas do território paulista parecem estar repletas de sítios Tupiguarani, com a presença Itararé-Taquara formando "bolsões". Pode-se especulativamente afirmar o mesmo para o Mato Grosso do Sul, onde não há evidências de cerâmica Itararé-Taquara, Una ou similares. Isso nos leva a pensar que a hipótese de migração/expansão Itararé-Taquara pelo sul de Minas Gerais é a mais plausível, basicamente porque a distribuição espacial dos sítios sugere que já havia territórios sendo ocupados por outros grupos. Se adicionarmos a isso o fato de que as idades mais antigas, tanto Tupiguarani como Aratu e Itararé-Taquara, são praticamente contemporâneas, o estabelecimento desses grupos ceramistas parece ter se dado de maneira quase concomitante.

Revisitados os pontos anteriores, podemos agora partir para a proposição de novos problemas, que podem constituir norteadores de pesquisas futuras:

1. Se houve uma expansão concomitante de (ao menos) três grupos ceramistas distintos dentro do atual território paulista, grupos esses apresentando feições culturais marcadamente distintas em sua cerâmica, e cujos descendentes podem ser traçados com razoável segurança, reforçando que as diferenças se estendiam para a língua e outros caracteres culturais mais fugazes, qual é a explicação por trás desse fenômeno? As diferenças culturais patentes entre esses grupos não parecem favorecer uma abordagem "internalista", na qual fatores exclusivamente socioculturais dariam conta de explicar tal comportamento, porque os três grupos estariam operando dentro de lógicas e ontologias distintas. Tal convergência precisa ser explicada de outras maneiras, que fogem do escopo deste artigo. Em suma, entendemos que é hora de pensarmos em modelos mais amplos do que os que tentam explicar a expansão Tupi ou a expansão Jê, como entidades razoavelmente estanques, para começarmos a pensar em *por que três grupos ceramistas diferentes estavam se expandindo rumo sul, de maneira concomitante* por volta de cerca de 2.000 anos atrás?
2. Duas características da Tradição Itararé-Taquara que precisam ser melhor exploradas são a forma e tamanho dos sítios a céu aberto. Essa é ainda uma lacuna considerável, especialmente em São Paulo, onde poucos trabalhos se voltaram a esse tema (Araujo, 2016; Araujo *et al*. 2016; Toso, 2021). Se, juntamente com registros espaciais mais elaborados, obtivermos um maior número de idades, será possível explorar aspectos que envolvam mudanças culturais e demográficas ao longo do tempo.

Uma outra vertente de pesquisa que nos parece bastante instigante é a questão do material lítico associado à Tradição Itararé-Taquara. Temos percebido em nossas pesquisas que a quantidade de material lítico lascado em sítios Itararé tende a ser imensamente superior ao encontrado em sítios Tupiguarani. Isso foi observado tanto em sítios abrigados (Abrigo de Itapeva) (Correa; Souza 2017) como em sítios a céu aberto (Mussum, Lobo Guará, Promissão 1 e Pinheirinho) (Araujo *et al*., 2021) Robrahn-Gonzalez; De Blasis, 1998). Essa aparente diferença, que precisa ser mais bem explorada,

pode nos fornecer uma visão mais abrangente a respeito da importância (ou não) do material lítico lascado em diferentes sociedades, tendo em vista que teríamos um estudo de caso em que dois grupos ceramistas/agricultores, explorando basicamente os mesmos ambientes, teriam uma relação bastante divergente com uso da pedra lascada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos editores da Revista de Arqueologia pelo convite e pela paciência com os prazos, e à Letícia Correa pela elaboração do mapa. Este trabalho se desenvolveu sob os auspícios da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo (FAPESP) (Projeto Temático 2019/18.664-9) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Bolsa Produtividade processo 302478/2022-1).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Marisa C. Um painel da arqueologia pré-histórica no estado de São Paulo: os sítios cerâmicos. *Especiaria*, v. 11, n. 20/21, 2009.

ARAUJO, Astolfo G. M. *A ocupação Paleoíndia no estado de São Paulo*: uma abordagem geoarqueológica. São Paulo: [*s. n.*], 2012. Relatório final de atividades. Projeto FAPESP nº 2009/54720-9.

ARAUJO, Astolfo G. M. A tradição cerâmica Itararé-Taquara: características, área de ocorrência e algumas hipóteses sobre a expansão dos grupos Jê no sudeste do Brasil. *Revista de Arqueologia*, v. 20, n. 1, p. 9-38, 2007.

ARAUJO, Astolfo G. M. Explorando a espacialidade de um sítio Itararé-Taquara: estudo de caso do sítio Areia Branca 5, sudeste do estado de São Paulo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 27, p. 55-82, 2016.

ARAUJO, Astolfo G. M. *Teoria e método em arqueologia regional*: um estudo de caso no Alto Paranapanema, estado São Paulo. 2001. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ARAUJO, Astolfo G. M.; FIGUTI, Levy; AMARAL, Marília; PEREZ, Glauco C.; SESTINI, Marcelo; CORREA, Letícia C. *Segundo relatório do projeto de avaliação e mitigação de impactos ao patrimônio arqueológico resultantes de barragens ao longo dos rios Tietê, Grande e Pardo, estados de São Paulo e Minas Gerais*. São Paulo: AES Brasil, 2021.

ARAUJO, Astolfo G. M.; ORTEGA, Daniela D.; SHRAGE, Thomas J.; OKUMURA, Mercedes; CECCANTINI, Gregório C. T. A Tradição Itararé-Taquara na região central do estado de São Paulo: o sítio Benedito Machado, Botucatu (SP) e suas possíveis relações com o Brasil central. *Cadernos do LEPAARQ*, v. 13, n. 25, p. 6-23, 2016.

BALDUS, Herbert. Sinopse da história dos Kaingang paulistas. *São Paulo em Quatro Séculos*, n. 1, p. 313-320, 1953.

BORELLI, Silvio H. S. Os Kaingang no estado de São Paulo: constantes históricas e violência deliberada. *In*: COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO. *Índios no estado de São Paulo*: resistência e transfiguração. São Paulo: Yankatu, 1984. p. 45-82.

CALDARELLI, Solange B. Problemáticas arqueológicas inéditas advindas de projetos de contrato: O caso do Alto e Médio Vale do Paraíba Paulista. *Revista do CEPA*, v. 29, n. 41, p. 7-33, 2005.

CALI, Plácido. Ilhabela resgata patrimônio arqueológico. *Informativo da Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura Municipal da Estância Balneária de Ilhabela*, jun. 2000.

CORREA, Letícia C.; SOUZA, Tatiane. Potencial informativo dos sítios abrigados do estado de São Paulo: abrigo do alvo e abrigo de Itapeva. *Journal of Lithic Studies*, v. 4, n. 3, p. 7-25, 2007.

CORREA, Rubens A. Civilização e progresso no Oeste Paulista: companhias de colonização, estrada de ferro e o genocídio dos índios Kaingang. *Revista Latino-Americana de História*, v. 10, n. 26, p. 117-134, 2021.

DAVES, Larissa F. Análise espacial sob perspectiva do Sistema de Informações Geográficas (SIG) e arqueologia: sítio arqueológico Tatu Galinha, município de Narandiba, SP. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 14., 2001, Campina Grande. *Anais* […]. Campina Grande: Realize, 2001.

DOCUMENTO ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA. Programa de Manejo Arqueológico dos Aproveitamentos Hidrelétricos da AES Tietê S/A, São Paulo/Minas Gerais, Master Plan. São Paulo, 2015.

FACCIO, Neide B. *Arqueologia dos cenários das ocupações horticultoras da Capivara, Baixo Paranapanema, SP*. 1998. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

FACCIO, Neide B. *Projeto de resgate arqueológico e programa de educação patrimonial: Usina Cocal, Narandiba, São Paulo, 2019*. [*S. l.*], 2019.

MAGALHÃES, Wagner. *Continuidade e mudança dos povos Jê, um estudo acerca da paisagem arqueológica, cultura material e padrão de assentamento dos sítios arqueológicos Inhazinha/MG e Água Limpa/SP*. 2019. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MILLER JR, Tom O. Arqueologia da região central do estado de São Paulo. *Dédalo*, n. 16, p. 13-118, 1972.

MILLER JR, Tom O. Tecnologia cerâmica dos Caingang paulistas. *Arquivo do Museu Paranaense*, Nova Série, Etnologia, n. 2, p. 1-51, 1978.

MONTEIRO, John. *Negros da terra*: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MONTEIRO, John. Tupis, Tapuias e a história de São Paulo: revisitando a velha questão Guaianá. *Novos Estudos Cebrap*, n. 34, p. 125-135, 1992.

MOTA, Lucio T. Relações interculturais na bacia dos rios Paranapanema/Tibagi no século XIX. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 17-22 jul. 2005, Londrina. *Anais* […]. São Paulo: ANPUH, 2005.

NOELLI, Francisco S.; SOUZA, Jonas G. Novas perspectivas para a cartografia arqueológica Jê no Brasil meridional. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*: Ciências Humanas, v. 12, n. 12, p. 57-84, 2017.

PEREZ, Glauco C. *Arqueologia paulista e o marcador cerâmico como delimitador de fronteira étnica: um estudo das regiões Sul e Oeste do estado de São Paulo*. 2018. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PEREZ, Glauco C.; OKUMURA, Mercedes; ARAUJO, Astolfo G. M. Novas observações sobre a distribuição dos grupos ceramistas pré-históricos no oeste e sul do estado de São Paulo, Brasil. *Revista Noctua*, v. 1, n. 5, p. 87-157, 2020.

PREZIA, Benedito A. G. *Os indígenas do Planalto Paulista nas crônicas quinhentistas e seiscentistas*. São Paulo: Humanitas, 2000.

RASTEIRO, Renan P. *Arqueologia dos povos Jê na bacia do rio Grande/SP*: relações e interações na variabilidade cerâmica do norte de São Paulo. 2022. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika M.; DE BLASIS, Paulo A. D. Investigações arqueológicas no Médio/Baixo Vale do Ribeira de Iguape, São Paulo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 8, p. 57-69, 1998.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika M.; ZANETTINI, Paulo E. *Relatório do programa de resgate da linha de transmissão 440 kV (Taquaruçu, Assis, Sumaré/SP), realizado para a Siemens SA*. São Paulo: Siemens, 2002.

RODRIGUES, Robson. A compreensão do território Kaingang no Oeste Paulista a partir da cultura material: possibilidades interpretativas na análise arqueológica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 27, p. 44-54, 2016.

SPOSITO, Fernanda. Conflitos entre indígenas e paulistas na ocupação dos extremos da província de São Paulo (1822-1845). *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 17-22 jul. 2005, Londrina. *Anais* […]. São Paulo: ANPUH, 2005.

TOSO, Diana S. *Processos pós-deposicionais em áreas degradadas*: sítio arqueológico Itaí, Pauliceia, São Paulo. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Presidente Prudente, 2021.

VON IHERING, Hermann. Os Guayanás e Caingangs de São Paulo. *Revista do Museu Paulista*, n. 6, p 23-44, 1904.

WENINGER, Bernard; JÖRIS, Olaf. A ^{14}C Age Calibration Curve for the Last 60 ka: The Greenland-Hulu U/Th Timescale and Its Impact on Understanding the Middle to Upper Paleolithic Transition in Western Eurasia. *Journal of Human Evolution*, n. 55, p. 772-781, 2008.